

---

## A constituição da identidade da rede de Educação Infantil do município de Panambi/RS em diálogo com a Educação da Infância de Reggio Emilia<sup>1</sup>

Adriane Graeff<sup>2</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-7864-328X>

Arnaldo Nogaro<sup>3</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-0517-0511>

### Resumo

Este estudo qualitativo busca contribuições da abordagem italiana de Reggio Emilia na construção de uma identidade própria da Rede Municipal de Educação Infantil do Município de Panambi, no Noroeste do RS. A coleta dos dados foi feita por meio da aplicação de questionário a profissionais de seis escolas de Educação Infantil. Os resultados apontam que se considera essa fase um momento de forte aprendizagem ou de grandes experiências. Todos os professores participantes se sentem satisfeitos com a formação docente da escola ou da Secretaria de Educação, frisando que ela se deu por palestras, leituras e espaços interativos. Infere-se que a Educação Infantil de Panambi está em transformação, constitui sua identidade em movimento.

*Palavras-chave:* Infância. Rede Municipal. Reggio Emilia.

---

## La constitución de la identidad de la red de Educación Infantil en el municipio de Panambi/RS en diálogo con la Educación Infantil de Reggio Emilia

### Resumen

Este estudio cualitativo busca contribuciones del enfoque italiano de Reggio Emilia en la construcción de una identidad específica de la Red Municipal de Educación Infantil del Municipio de Panambi, en el Noroeste de RS. La recogida de datos se realizó mediante la aplicación de un cuestionario a profesionales de seis centros de Educación Infantil. Los resultados indican que esta fase es considerada un momento de fuertes aprendizajes o grandes experiencias. Todos los docentes participantes se sienten satisfechos con la formación docente brindada por el colegio o el Departamento de Educación, destacando que se desarrolló a través de charlas, lecturas y espacios interactivos. Se infiere que la Educación Infantil en Panambi está en proceso de transformación, constituyendo su identidad en movimiento.

*Palabras clave:* Infancia. Red Municipal. Reggio Emilia.

---

<sup>1</sup> O artigo é fruto de Dissertação do Mestrado em Educação. A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Comitê de Ética sob o número CAAE: 52016321.7.0000.5352.

<sup>2</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen: [adrianeGraeff@hotmail.com](mailto:adrianeGraeff@hotmail.com).

<sup>3</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen: [narnaldo@uricer.edu.br](mailto:narnaldo@uricer.edu.br).

---

## Introdução

Desde o ano de 2017, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Smec) da cidade de Panambi, um município situado ao Noroeste do estado do Rio Grande do Sul, por meio do Setor de Coordenação Pedagógica da Educação Infantil, visa a proporcionar para a Rede, uma reflexão acerca do que é ser criança, do que é viver a infância. Trata-se de um direcionamento diferente, que coloca a criança enquanto protagonista de sua aprendizagem, de outro olhar que se instaura e busca repensar os modos tradicionais de Educação Infantil, desconstruindo aspectos que não mais atendem às necessidades da rede, para acrescentar novos rumos à educação das crianças panambienses.

A rede buscou apoio em abordagens com olhar diferenciado para o que é ser criança e viver a infância. Embora não haja nenhum documento que explicita e formalize a adesão à proposta de Educação da Infância de Reggio Emilia, na prática, as formações realizadas pela Smec tomam como referência essa abordagem, que sinaliza para a mudança de perspectivas e olhar para as infâncias. Também podemos evidenciar, a partir dos dados obtidos, que os dois grupos pesquisados se referem à existência de uma inspiração por parte da Rede na referida abordagem. O setor de Educação Infantil tem proporcionado formações para coordenadoras pedagógicas, professores e auxiliares de Educação Infantil.

Essas formações refletem a respeito da imagem de criança que cada escola tem, porque, a partir dela, constroem-se e consolidam-se os direcionamentos da proposta pedagógica, dentro do que cada grupo acredita. Esse direcionamento proposto pela Smec, como demonstram os dados obtidos, tem contribuído com um novo olhar para as crianças e as infâncias panambienses.

Reggio Emilia possui uma abordagem diferenciada, única, de valorização da infância, comumente denominada de “Experiência de Reggio Emilia”. Essa experiência é única e inovadora, tornando-se muito difícil imitá-la, reproduzi-la em outros países ou localidades por sua singularidade e identidade *sui generis*, mas não há nenhum impedimento que sirva de inspiração para que outras redes de ensino reconstruam sua experiência de escola pública à luz de princípios e práticas semelhantes. Dessa forma, esta pesquisa traz dados da Rede de Educação Infantil do Município de Panambi, à luz da abordagem de Educação Infantil de Reggio Emilia. A Rede Municipal hoje conta com 12 escolas dessa etapa da Educação Básica, sendo

que, destas, foi utilizado uma amostra de 50%, que permitiu elencar dados suficientes para uma pesquisa enquanto Rede.

### O espaço sócio-geográfico-educacional e o *lócus* da pesquisa

Panambi, conhecida como vale das borboletas azuis e cidade das máquinas, teve seu nome vindo da língua tupi-guarani<sup>4</sup>. Conta a história que a escolha se deve à quantidade de borboletas azuis que sobrevoavam as terras dessa localidade. Além disso, sua capacidade industrial tem grande importância para a economia local, empregando grande parte da população trabalhadora ativa (IBGE, 2021). Com 67 anos de história, hoje conta com, aproximadamente, 44.128 habitantes e uma renda per capita em torno de R\$ 49.260,55 (2018), de acordo com dados do IBGE (2021).

Tratando-se da Educação, a Rede Municipal conta com 22 escolas criadas e mantidas pelo Poder Público. Dessas, 12 são de Educação Infantil, que atendem a faixa etária de 0 a 5 anos. De acordo com informações fornecidas pela Smec, não há demanda reprimida na faixa etária de idade obrigatória, que é a partir dos 4 anos de idade; dessa forma, o Município universalizou o atendimento na Educação Infantil a partir dos 4 anos. Dados fornecidos pela Secretaria também revelam que a Rede de Educação Infantil contava com 69 Professores regentes de classe no ano de 2021, atuantes nas turmas de Maternal II a Jardim II, que compreendem a faixa etária de 3 anos a 5 anos e 11 meses. Dessa forma, as turmas de Berçário e Maternal I ainda não dispõem de atendimento com professores.

De acordo com o Parecer do Conselho Municipal de Educação (CME) da cidade de Panambi, de n.º 003/2017, o cuidar e o educar são indissociáveis no processo educativo “o ato de educar/cuidar é uma relação indissociável na ação pedagógica e está presente em todas as interações do adulto com a criança e dela com o adulto, ou seja, está presente em todas as relações do cotidiano com as crianças” (Panambi, 2017, p. 5). O Parecer também recomenda que a brincadeira seja norteadora da prática educativa nessa faixa etária na referida rede de Educação Infantil. Leva em consideração que, brincando e interagindo, a criança descobre o

---

<sup>4</sup> Os tupi-guarani que habitavam as terras de Panambi também tinham uma relação respeitosa com a experiência da criança, voltada para a vida.

mundo e aprende. Sobretudo, o documento refere-se à criança como sujeito ativo e protagonista em seu processo de aprendizagem.

As características apontadas quanto ao *lôcus* da pesquisa revelam o valor da Educação Infantil, sua representatividade social para o município e para a população que é atendida. Isso demonstra a relevância de investigar a proposta em curso na Rede.

### **A experiência de Reggio Emilia: fonte de inspiração**

Reggio Emilia, uma pequena cidadezinha localizada na região Norte da Itália, com cerca de 170 mil habitantes, tem chamado a atenção para a qualidade de Educação da Infância que lá existe. Virou referência para o mundo pelo respeito à criança e à construção de sua aprendizagem.

Loris Malaguzzi, educador italiano, que esteve à frente no início da transformação da Educação Infantil em Reggio Emilia expressa sua visão da infância dizendo que, ao longo do tempo, foram criadas metáforas e imagens que ressurgem, apresentando a infância de uma entre duas maneiras extremas:

as crianças como vazias, incapazes e inteiramente moldadas pelos adultos, ou, do outro lado, como autonomamente capazes de adquirir controle do mundo adulto. Não legitimamos corretamente uma cultura da infância, e as consequências são vistas nas nossas escolhas e nos nossos investimentos sociais, econômicos e políticos. É um exemplo típico e assustador de ofensa e traição aos potenciais humanos (Malaguzzi *apud* Edwards; Gandini; Forman, 2016, p. 70).

O educador italiano criou a teoria das cem linguagens, a criança aprende por meio delas:

Ao contrário, as cem existem.  
A criança é feita de cem.  
A criança tem cem mãos  
cem pensamentos  
cem modos de pensar de jogar e de falar.  
Cem sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.  
Cem alegrias para cantar e compreender.  
Cem mundos para descobrir.  
Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.  
A criança tem cem linguagens (e depois cem cem cem)  
mas roubaram-lhe noventa e nove.  
A escola e a cultura lhe separam a cabeça do corpo.  
Dizem-lhe: de pensar sem as mãos de fazer sem a cabeça de escutar e de não  
falar de compreender sem alegrias de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no  
Natal.  
Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e de cem roubaram-lhe noventa  
e nove. Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho a realidade e a fantasia a ciência e a  
imaginação o céu e a terra a razão e o sonho são coisas que não estão juntas.  
Dizem-lhe: que as cem não existem  
A criança diz: ao contrário, as cem existem (EDWARDS; GANDINI; FORMAN,  
2016, p. 3).

A abordagem de Reggio Emilia é exemplo de como as cem linguagens são utilizadas em favor do desenvolvimento das crianças. Para Edwards, Gandini e Forman (2016, p. 20), a

[...] abordagem incentiva o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre a representação simbólica. As crianças pequenas são encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimento, desenhos, pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações e música. Levando-as a níveis surpreendentes de habilidades simbólicas e de criatividade.

A maneira como os espaços físicos são pensados e organizados também é uma grande aliada na aprendizagem. Segundo Vecchi (2017), a partir da década de 1970, passou-se a fazer estudos, juntamente com arquitetos e todas as escolas da infância de Reggio, sobre a qualidade e o uso dos espaços. Esse trabalho proporcionou importantes contribuições.

Logo que se entra em uma escola da infância de Reggio, é possível visualizar a praça, que é como se fosse um cartão de visitas. Este contempla informações sobre o que acontece lá dentro, mediante a exibição das documentações pedagógicas, que contam, por meio de registros de fotos, pequenos trechos de falas das crianças nos momentos de descoberta, espanto, encanto e aprendizagem. Na entrada, também é possível ver a cozinha da escola, local onde são preparadas as refeições, ao qual as crianças têm total acesso, vivendo uma relação familiar, momentos ricos de aprendizagem.

Outro espaço importante é o *atelier*, considerado um laboratório; nele, com materiais e técnicas, as crianças constroem sua aprendizagem, sendo que a importância é dada ao processo,

e não somente ao produto. Na perspectiva de Vecchi (2017, p. 26), o ateliê é assim caracterizado: “É equipado com instrumentos: mesas; recipientes para materiais; computador; impressora; máquinas fotográficas digitais; cavaletes para a pintura; suportes para o trabalho com argila; forno para cerâmica; gravador; microscópio óptico; e outros”. Também há disponibilidade de outros materiais, como tintas, arames e materiais reciclados.

O grande diferencial em Reggio, que influencia diretamente seu sistema educacional, é a escolha de sociedade baseada na construção coletiva, que prioriza o diálogo e a cooperação. Ela vai de encontro à pedagogia da transmissão de conhecimento e da reprodução de estereótipos que se vivencia no sistema tradicional. A postura adotada em Reggio é a “imagem de criança rica”, “uma imagem baseada na compreensão de que todas as crianças são inteligentes, o que quer dizer que todas as crianças atribuem significado ao mundo, num processo constante de construção de conhecimento, identidade e valores” (Rinaldi, 2020, p. 39).

Essa postura de imagem de criança faz com que a escuta seja um dos principais processos educativos que acontecem em Reggio. Porém, ela se dá no sentido mais amplo da palavra, que vai para além de escutar com o ouvido. Sobre a pedagogia da escuta, Rinaldi (2020, p. 43) pronuncia-se dizendo que se trata de uma “escuta do pensamento, e a ética do encontro edificado sobre a receptividade e a hospitalidade ao outro”. Para a autora, trata-se de uma abertura, escutar o outro é também se colocar de lado algumas vezes. Para Rinaldi (2020), a pedagogia da escuta é “verbo de interpretação”, que vai além do ouvido e envolve se doar ao outro, aprender com o outro nessa troca e, muitas vezes, deixar de lado aquilo que temos como certeza.

A partir dessas características, Reggio Emilia tem sido referência em Educação da Infância no mundo. E o que a Rede Municipal de Educação Infantil aqui estudada tem feito é a busca por inspiração para qualificar seu trabalho, de forma que atenda às necessidades das crianças panambienses.

### **Aspectos metodológicos**

Esta escrita resulta de pesquisa de mestrado cujo intuito foi compreender se a Rede Municipal de Educação Infantil de Panambi, Rio Grande do Sul (RS) vem constituindo uma identidade própria por meio da inspiração que tem buscado na abordagem italiana de Educação da Infância de Reggio Emilia. Essa experiência tem a ver com a proposta diferenciada que a rede

implementa desde o ano de 2017, no sentido de valorizar a primeira infância, fazendo um movimento de ressignificação para romper com aspectos enraizados, característicos da escola tradicional, os quais permeiam as teorias e práticas de alguns espaços de Educação Infantil. Elas decorrem não de responsabilidades dos profissionais, mas sim de um enraizamento cultural, não apenas local, mas também estadual e federal.

Desde o ano de 2017, a Smec de Panambi, no Setor de Coordenação Pedagógica da Educação Infantil, tem buscado construir, em nível de rede, uma proposta diferenciada, com movimentos que visam a oferecer espaço escolar organizado e pensado minuciosamente, de modo que se proporcione os cuidados social, moral e emocional necessários ao desenvolvimento do potencial intelectual das crianças que frequentam as escolas. A concepção pedagógica, que se constitui no pilar de amparo da proposta, tem no horizonte a visão da escola como um organismo vivo de experiência, imaginação e criatividade. Para implementar a proposta dentro dessa filosofia, o setor pedagógico, juntamente com toda a rede, buscou apoio e inspiração na abordagem italiana de Educação da Infância de Reggio Emilia, a qual possui uma proposta diferenciada, única, de valorização da infância comumente denominada de “Experiência de Reggio Emilia”.

Foram organizados momentos de formação ao longo dos anos para que não exista apenas uma metodologia norteadora, mas várias que garantem os direitos de aprendizagens. Frisa-se a abordagem de Reggio Emilia de Educação Infantil, que tem muito contribuído na construção de uma identidade enquanto rede.

O primeiro contato para que se iniciasse a pesquisa deu-se com a Smec do ano de 2021. De forma presencial, foi explicado como se realizaria a pesquisa e quem seriam os participantes envolvidos. O universo total da rede é de 12 escolas de Educação Infantil, sendo que 2 delas não atendem o público-alvo da pesquisa, crianças de 3 a 5 anos, e não oferecem atendimento com professores. Uma, que ficou de fora, é o local de trabalho da pesquisadora, ação necessária para que não houvesse conflito de interesse. Restaram 10 escolas de Educação Infantil que atendem o público-alvo, das quais 6 foram alvo da pesquisa. Quanto à localização, somente 1 fica no centro da cidade (a qual fez parte da pesquisa), as outras 9 ficam em bairros mais afastados; entre elas, foi realizado um sorteio que contemplasse mais 5 escolas para a pesquisa.

Realizado o sorteio, de posse da autorização por parte da Smec, encaminhou-se presencialmente às 6 escolas participantes da pesquisa. Nelas, foram realizados os sorteios para saber quem seriam os 2 professores participantes por escola, levando em conta os critérios de

inclusão e exclusão, que seriam: ser concursado, ser nomeado e pertencer a 1 das escolas da pesquisa. O critério de exclusão: ser sorteado e não aceitar participar da pesquisa. Com os nomes dos professores sorteados, foi, primeiramente, encaminhado para todos os 24 participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que pudessem lê-lo, definir se participariam e, então, assiná-lo<sup>5</sup>.

Como ainda estávamos em um período de cuidados relacionados à pandemia ocasionada pela Covid-19, os questionários foram encaminhados por meio da plataforma *Google Forms* para os participantes. A pesquisa realizada tem caráter qualitativo, é um estudo de campo que investigou 6 escolas de Educação Infantil da rede municipal, o que representa 50% das instituições de ensino existentes. O público-alvo foram 12 professores representados pela sigla *P* e 12 gestores (coordenadores pedagógicos e diretores), denominados pela sigla *G*.

De posse dos dados levantados na pesquisa, optou-se por interpretá-los utilizando a Análise Textual Discursiva (ATD), proposta por Moraes (2003) e Moraes e Galiazzi (2016). Sua forma de organizar os dados dá-se seguindo três passos básicos: unitarização, categorização e comunicação.

### **Resultados e discussão: Reggio Emilia e a constituição de uma identidade da Educação Infantil no município de Panambi**

A análise dos dados foi feita dentro de três categorias que serão abordadas na sequência. A primeira é “A infância é o sono da razão: concepção de infância”. A segunda é “A formação docente e a proposta pedagógica da escola”. Por fim, há a “Identidade da Educação Infantil de Panambi”.

#### **A infância é o sono da razão: concepção de infância**

Lippi, Nogaró e Luft (2017, p. 25) reforçam que há certo perigo em falar da infância sem definir de quem se está falando, pois ela pode tornar-se uma categoria impessoal que serve para tudo e, ao mesmo tempo, para nada: “Precisamos materializar, contextualizar, “encarnar”

---

<sup>5</sup> O projeto de pesquisa tramitou e foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número C.A.A.E 52016321.7.0000.5352.

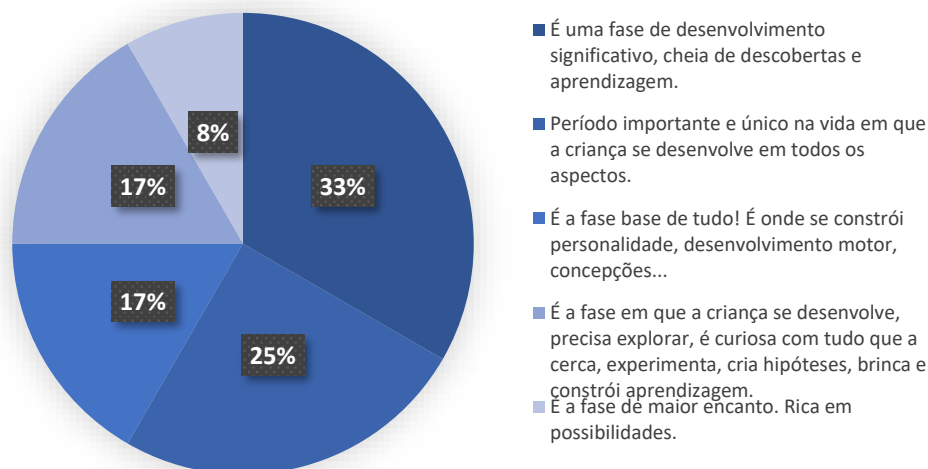


nossas falas para que elas não se tornem vazias de sentido”. É necessário, quando escrevermos sobre a infância, que as palavras mostrem esse fundo inexplorado e impensado dos discursos que dizem conhecer a infância. Uma infância vivida em determinado lugar, em determinadas circunstâncias, passa a ser diferente da vivida de outra forma. Na visão de Lippi, Nogaro e Luft (2017), ao se pensar a infância, há que se considerar o contexto ou o lugar que as crianças ocupam em determinada sociedade. A descontextualização gera idealização e produção de um discurso desprovido de sentido. Nesse sentido, Sarmiento (2002) colabora ao falar da cultura das infâncias. As crianças produzem cultura na forma que se relacionam e ressignificam o mundo a seu redor, que, para o autor, é diferente do modo adulto. “É no vaivém entre culturas geradas, conduzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças e culturas construídas nas interações entre as crianças que se constituem os mundos culturais da infância” (SARMENTO, 2002, p. 5).

A criança é produtora de cultura; do mesmo modo, é influenciada pelo que os adultos produzem para ela, como se comunicam, como interagem, relacionam-se, desde o que é vivido no meio escolar, ao que a indústria de entretenimento produz para elas. Nesse sentido, entende-se que as atitudes tomadas e as escolhas da proposta e direcionamento pedagógico de uma instituição escolar estão intrinsecamente relacionadas à imagem e concepção de criança que se tem.

Com esse pensamento, na pesquisa proposta, para que se pudesse compreender qual a concepção de criança e de infância instituída, circulando nos discursos e práticas, questionou-se os participantes, do grupo de Gestores (G) e Professores (P), a fim de compreender suas concepções de criança e infância. Ao adentrar nos dados da pesquisa, destacam-se as respostas do grupo G no Gráfico 1, agrupadas em conceitos centrais sobre a infância.

Gráfico 1 – Respostas do grupo de gestores sobre o conceito de infância



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

A partir das respostas do Gráfico 1, percebe-se que o grupo G entende que a infância é um momento importante da vida. Nas últimas décadas, tem-se buscado enfatizar a importância da criança enquanto sujeito humano, protagonista, participante, uma nova postura com relação a esse momento da vida é instaurada. Pinto (1997, p. 63), ao fazer um resgate histórico sobre o conceito de infância na sociedade, revela que é preciso ainda distinguir, pensar a infância para além de uma etapa da vida, é preciso pensá-la como um “conjunto social de categorias heterogêneas”. Para pensar a infância para além de uma categoria, o autor ilustra que se deve considerar o sexo a que pertence, a idade, condição social, onde nasceu. Tudo isso é significativo e corresponde ao tipo de infância vivido.

No entender de Arroyo (1994), a concepção de infância está sempre sofrendo alterações, constitui-se em uma categoria mutante, dinâmica.

A infância não existe como categoria estática, como algo sempre igual. A infância é algo que está em permanente construção. Refiro-me à própria concepção de infância, que está em permanente construção. A concepção que seus pais tinham de vocês quando eram crianças é muito diferente da concepção que vocês possam ter agora de seus filhos (Arroyo, 1994, p. 88).

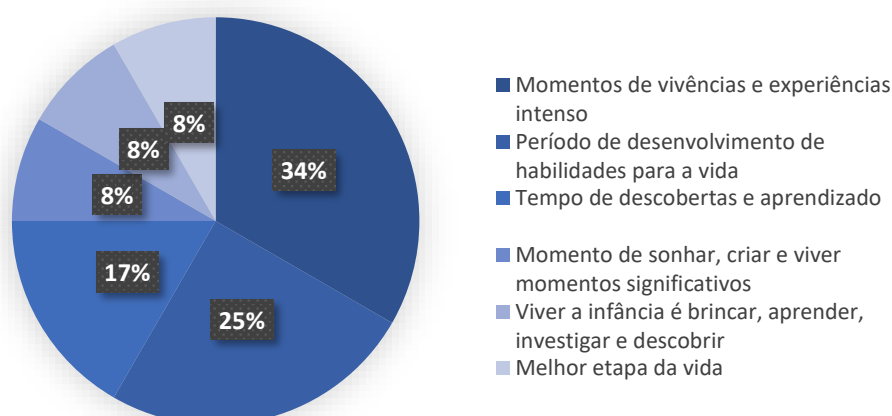
Para o autor, a infância muda dependendo da condição social e do local em que vive a criança. Na visão de Sinay (2012), uma sociedade egoísta, desumanizada, espiritualmente perdedora, cobrará um preço caro a nossos filhos. Começar a se encarregar dos filhos é,

“simultaneamente, começar a modificar a sociedade e garantir construtores de uma comunidade empática, criativa, solidária, humana. Os filhos órfãos têm pais. E fazem a esses pais, em silêncio, a cada dia, uma pergunta. Como ela será respondida?” (Sinay, 2012, p. 71).

Como fator específico, também se torna relevante observar se a criança reside na zona rural ou urbana. Essas são condições muito distintas, seja por aspectos negativos — como exposição à violência, falta de acesso a bens culturais e meios digitais —, seja por fatores positivos — como segurança, convívio com o meio ambiente, espírito coletivo, próprios de espaços rurais. Nesse sentido, também se recomenda que a educação escolar seja pensada para além de preparar para a vida, deve ser espaço de convivência.

Foi realizado o mesmo questionamento sobre o que é a infância ao grupo P, por meio de conceitos centrais, traduzidos no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Respostas do grupo de Professores sobre o conceito de infância



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Destaca-se a compreensão de uma professora sobre o que é a infância: “A infância é o tempo de maior descoberta da criança. É a fase fundamental para o desenvolvimento da estrutura física, psíquica e das habilidades sociais. É na infância que as experiências, as descobertas e as vivências são levadas como marcas para o resto da vida” (P12).

A infância precisa ser compreendida em sua pluralidade, os tempos atuais não comportam uma concepção única de infância, pois existem diferentes infâncias. Há crianças que vivem infâncias que divergem de outras, devido a suas condições sociais, umas com mais acesso a bens materiais, culturais e emocionais, outras com menos condições. Para algumas, esse tempo

de infância é mais curto, pois elas necessitam trabalhar e se inserir no mundo adulto mais cedo; outras crianças têm mais tempo para desfrutar o que a vida generosa lhes oferece. É preciso pensar a infância para além de um momento da vida, Peloso (2013, p. 5) colabora afirmando que a infância, ao longo das transformações sociais, tornou-se uma “categoria de referência histórica, cultural e social; deixou de ser apenas um período definido biologicamente existindo, simultaneamente, em um mesmo momento histórico, diversas representações da infância e da própria criança”.

Nesse sentido, compreende-se que determinado lugar tem diferentes concepções de criança e de infância do que outro; conforme Peloso (2013, p. 12), “as formas de se relacionar com ela e o próprio papel dela na sociedade resultam de uma complexa rede de valores e regras predominantes no ambiente no qual ela está inserida”. Sinay (2012) interroga a respeito da responsabilidade dos genitores na educação das crianças. Alerta para a especificidade que o ser humano possui no que diz respeito a ser educado e orientado por quem o põe no mundo. Para ele, “criar é orientar, é prover recursos de ordem afetiva, emocional e espiritual, é perguntar, é regulamentar, é oferecer noções de ética, construir uma moral para essa ética e é fazê-lo através da presença concreta e de ações, condutas, atitudes” (Sinay, 2012, p. 122).

Os valores, concepções e entendimentos sobre o que é viver a infância para os gestores e professores da Rede Municipal de Educação Infantil de Panambi são revelados nas respostas anunciadas, de modo particular por meio de alguns verbos como: vivenciar, experienciar, descobrir, experimentar e construir. Afirma-se que há uma compreensão romantizada por parte de alguns sobre o que é viver a infância quando referem que a infância é “momento de sonhar”. Observa-se que a rede ainda precisa debater a respeito dessa concepção, quais suas concepções de infâncias? Que infâncias vemos? Que leituras fazemos a seu respeito? Garcia (2017, p. 61) destaca que “a criança é um sujeito competente, capaz de pensar, sentir, pesquisar e aprender, de um modo válido e singular”. Contudo, a partir dessas características, a educação precisa ser, para a criança, uma experiência de participação ativa, o que a visão romantizada não favorece.

Para Kuhlmann Junior (2007, p. 30), a infância é um “conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação feita por adultos sobre esta fase da vida”. O que o autor revela é que as experiências vividas pelas crianças em determinado momento e lugar é que retratam sua condição humana ou não, a qualidade de seu viver ou não, uma vez que as experiências advindas

das várias situações que as cercam, sejam elas sociais ou econômicas, dizem muito sobre sua “infância”. Sua posição nesse contexto define ou não um lugar nas relações sociais, e isso implica espaço de participação, o que faz Kuhlmann Junior (2007, p. 30) dizer que “é preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história”.

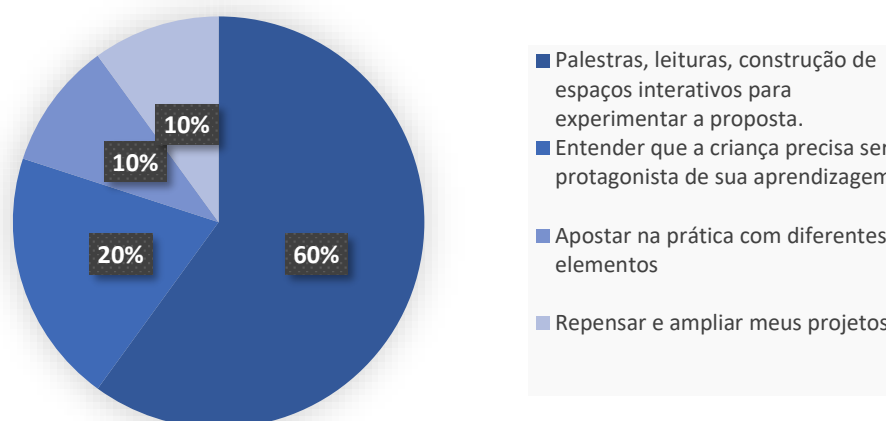
### **A formação docente e a proposta pedagógica da escola**

Segundo Tedesco (1998, p. 127), o sistema tradicional de ensino sempre alimentou a ideia de que, “quanto mais jovem o aluno, menos exigências demanda o processo de aprendizagem e menos qualificação se requer do docente”. Por outro lado, as demandas atuais da educação têm colocado os professores em reflexão e principalmente os mobilizado para uma postura diferente, que venha ao encontro das necessidades atuais.

Nóvoa (2009, p. 44) propõe cinco características que, segundo ele, identificam um “bom Professor”: “conhecimento, cultura profissional, tacto pedagógico, trabalho em equipe e compromisso social”. Quando fala em conhecimento, o autor destaca que o “trabalho do professor consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem”, deixando evidente que “ninguém pensa no vazio, mas antes na aquisição e na compreensão do conhecimento” (Nóvoa, 2009, p. 30). Dessa forma, trabalhar com o público da Educação Infantil demanda tanto conhecimento quanto qualquer outra etapa da educação.

No que tange à compreensão dos professores, foi realizado o seguinte questionamento: “Foram oferecidas Formações Pedagógicas por sua Escola e Smec para auxiliar na compreensão do que é a Proposta de Reggio Emilia e de quais são seus pilares?”. Todos os professores responderam que sim, que sua escola e/ou a Secretaria de Educação ofereceram ou têm oferecido formações para a compreensão da proposta. Na pergunta, havia a possibilidade de, em sendo afirmativa a resposta, que se desse um exemplo de como essas formações contribuíram. As respostas dos professores foram colocadas em conceitos, sendo que 10 dos 12 professores elencaram exemplos de como as formações têm contribuído:

Gráfico 3 – De que forma as formações oferecidas pela Smec e pela escola têm contribuído para a compreensão da proposta?



Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Por meio das respostas, percebe-se que os espaços interativos oferecidos nas Formações da Smec e das escolas têm colaborado para a compreensão da proposta e para o entendimento de que a criança precisa ser protagonista de sua aprendizagem.

P1 e P10 optaram por não responder, ressaltando o que foi dito por P4:

As formações oferecidas nos deram um suporte teórico de como trabalhar a Proposta. Mas só se percebe o quanto essa Proposta é maravilhosa para as crianças a partir do momento em que nos dispomos a mudar nossa visão do ser criança e nos permitimos um fazer diferente em sala de aula. Um fazer em que a criança é vista como um ser que pode juntamente com o Professor fazer suas escolhas e aprender com essas escolhas.

Essa resposta mostra que alguns professores estão abertos a uma proposta diferente de Educação da Infância, essa visão, como bem colocou a professora, parte de um entendimento melhor do que é ser criança e do que é viver a infância. Para Nogaró e Nogaró (2012), o educador que vai atuar na Educação Infantil, por este ser um espaço e tempo pedagógico, com função educativa organizada e explícita, deverá ter preparo e estar ciente da diversidade do processo e ter clareza do desafio que é trabalhar nesse nível de escolaridade. Enquanto profissional, quando se passa a ter essa compreensão mais aprofundada, há reflexos na prática pedagógica.

---

### Êxito da proposta e identidade da Educação Infantil de Panambi

Quando se trata de identidade, Jacques (1998, p. 137) já abordava a amplitude desse termo quando falava que diversas áreas do conhecimento têm se dedicado a essa compressão, pois “no nosso cotidiano, por vezes também nos defrontamos com a necessidade de responder à pergunta ‘quem és’ a que a identidade remete”. Com diversas contribuições, esse termo foi ganhando enfoque. A autora destaca que o meio social em que vive o indivíduo tem forte influência sobre a construção de uma identidade. A autora assinala a existência da identidade social, aquela que remete o indivíduo como pertencente a um grupo social, a que se distingue do “eu” da identidade pessoal (Jacques, 1998). Segundo Dubar (2020) é sempre uma particularidade do sujeito. Ao mesmo tempo que ela é sempre uma construção, nunca é dada. Como faz parte da dinâmica da vida do indivíduo, é uma permanente reconstrução.

Para Laurenti e Barros (2000, p. 3)

Logo, a identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade. O contexto social fornece as condições para os mais variados modos e alternativas de identidade. O termo identidade pode, então, ser utilizado para expressar, de certa forma, uma singularidade construída na relação com outros homens.

No entender das autoras, a identidade passa a ser “ação e verbo”, pois ela não é estática, está sempre em transformação, é vista como um processo. Na visão de Dubar (2020), essa construção identitária adquire uma importância particular no campo do trabalho, do emprego e da formação, que conquistou uma grande legitimidade para o reconhecimento da identidade social e para a atribuição do *status* sociais. Essa característica que se quer trazer para a identidade da Rede de Educação Infantil no município de Panambi não é estática, ela vai se construindo e se constituindo. Nesse sentido, para Ciampa (1987), a identidade é “metamorfose”, pois vai se transformando. De acordo com o autor, ela também se dá nos grupos, por meio das relações que se estabelecem entre determinados indivíduos, os quais podem sim criar uma face comum, o que o autor denomina de identidade coletiva, podendo ser institucional ou vinculada um grupo de pessoas com a mesma relação.

Pode-se remeter ao que acontece no município de Panambi. Observa-se que são determinados professores, pessoas e profissionais da Educação, mobilizados com uma prática, o que se pode constituir como identidade desse grupo. Mesmo que se trate de identidade coletiva, vale destacar que ela está implicada nas identidades individuais dos sujeitos envolvidos.

Habermas (1983, p.79) aborda o conceito da identidade do Eu. Em uma construção coletiva, o autor entende que ela passa a ser uma junção de “Eus”, quando o indivíduo passa a refletir e se reconhecer a partir da identidade do outro. Nesse sentido, o autor argumenta:

[...] ninguém pode identificar sua própria identidade independentemente das identificações que os outros fazem dele [do sujeito]. Trata-se certamente de interações realizadas pelos outros não na atitude proposicional de observadores, mas na atitude prática de participantes na interação. E o eu tampouco realiza suas autoidentificações em atitude proposicional; enquanto Eu prático, ele se apresenta realizando o agir comunicativo. Em tal agir, os interessados devem supor um outro que o distinguir-se do outro seja a cada momento reconhecido pelo outro. Portanto, o fundamento para a afirmação da própria identidade não é a auto-identificação tout court, mas a auto-identificação intersubjetivamente reconhecida (Habermas, 1983, p. 22).

Dessa forma, a partir das relações que se estabelecem, o outro passa a ser espelho para o reconhecimento de identidades. Relacionando a questão com a Educação Infantil do Município de Panambi, entende-se que, a partir da existência de outras práticas e formas de realizar a Educação da Infância, na medida em que o grupo estiver sintonizado com os mesmos objetivos, poder-se-ia constituir uma identidade, pois haveria características comuns e resultados prospectados dentro de objetivos muito próximos, o que daria visibilidade à proposta e reconhecimento social.

O êxito na proposta em curso de Panambi passa pelo desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Dessa forma, o grupo G, que está envolvido de alguma maneira com as crianças, foi questionado: “Você acha que esse novo fazer pedagógico contribui para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças?”. Todos os gestores responderam que sim. Realizada a mesma pergunta para o grupo P, 83,3% responderam que sim e 16,7% assinalaram a resposta “mais sim do que não”. Com base nessa questão, respondida pelos dois grupos, infere-se que dos 24 participantes dos 2 grupos, 22 acreditam que essa proposta contribui com a formação das



crianças, e apenas 2 não descartaram a possibilidade de que esteja contribuindo apesar de não a enfatizarem.

Quanto à organização e reformulação dos ambientes da escola, questionou-se se o grupo G “identifica mudanças nos ambientes das escolas (salas de aula) e na infraestrutura com a implementação da proposta”. Dos 12 gestores, todos responderam que sim. Ilustra-se com algumas falas aspectos da mudança: “Já houve grandes mudanças na organização das salas de aula, nas práticas pedagógicas dos professores como ir além dos registros com folhas de ofício, giz de cera, buscando outras materialidades, deixando a criança criar, experienciar situações do cotidiano” (G1); “toda Rede tem buscado organizar novos espaços e materialidades” (G7); (G11) “vejo escolas menos coloridas e com materialidades diferenciadas sendo oferecidas, além de muitos elementos não estruturados, que possibilitam e estimulam à criação, mais produções das crianças e menos dos adultos, registros do processo de aprendizagem e não apenas do produto final, entre outros”; “algumas ainda precisam de mais investimentos e espaços pensados para atender espaços brincantes e de interações” (G3). Esses relatos expõem um movimento nas escolas pensando na reestruturação dos espaços e ambientes oferecidos às crianças. Cabe ressaltar que G3 diz que algumas escolas ainda precisam de mais investimentos quando se trata de proporcionar espaços brincantes e interativos, ainda não se chegou a um ideal, mas os movimentos buscam proporcionar esses espaços e ambientes mais ricos para as crianças.

O mesmo questionamento sobre as mudanças escolares decorrentes da proposta implementada foi direcionado ao grupo de professores, responderam que sim, porém, em alguns casos, com algumas ressalvas: “em algumas Escolas eu vejo essas mudanças, em outras acredito que alguns professores têm medo da mudança” (P2); “Em algumas escolas sim, mas também percebo ainda muita resistência de alguns Profissionais da aceitação da Proposta” (P4); “algumas reorganizações dos espaços, o brincar como prioridade, diferentes materiais, mas volto a afirmar, no meu caso, não deixo de envolver práticas que acredito” (P4); “todo ambiente vem sendo repensado. Em sala de aula juntamente com as crianças vamos construindo ao longo do ano diferentes propostas. Os ambientes são cheios de possibilidades, diferentes espaços” (P9); “a sala é arrumada pelos Professores e pelas crianças, às vezes, as crianças gostam muito dos recantos. Os espaços externos também são muito usados, normalmente é lá fora que encontramos coisas maravilhosas e onde nascem muitas pesquisas” (P12).

A partir dessas respostas, infere-se que muitas concepções de espaço e de protagonismo da criança nesses ambientes têm como referência o que propõe a abordagem de Educação da Infância de Reggio Emilia, bem como a criança enquanto participante da escolha e organização desses espaços e recantos. Entende-se que o professor é um dos principais atores nesse fazer pedagógico diferente do tradicional.

A fim de entender como os docentes têm se apropriado da proposta em curso, foi questionado ao grupo P: “como avalia o seu envolvimento com a Proposta em curso?”. Metade do grupo dos professores avalia sua integração como sendo “muito boa”; 33,3% consideram-na “boa”; 16,7% veem-na como “ótima”. A partir dessas respostas, entende-se que 100% do grupo P de entrevistados se enxerga como integrante da proposta em curso.

Compreende-se que a maioria dos gestores se encontram com sentimento de satisfação com relação à proposta, felizes de, junto com seu grupo, poder crescer, inspirar-se e proporcionar o melhor para as crianças. Nessa direção, destaca-se a fala de G2:

O sentimento que me representa é realização, pois sempre existiu e existirá resistência ao novo. Embora que em passos lentos estejamos ganhando espaço e a confiança do grupo de educadores e famílias, é visível a aprendizagem das crianças através dessa nova proposta, buscamos cada vez mais aprimorar nossos espaços de vivências e motivar os colegas educadores. Acredito que estamos no caminho certo e que em breve nossas escolas infantis serão referências no estado.

Solicitou-se aos dois grupos (G e P) para que, em cinco palavras, apresentassem sua síntese da proposta de Reggio Emilia em construção na Rede de Panambi. A partir das respostas, compôs-se a Figura 1 em forma de nuvem de palavras. As palavras que se sobressaem entre os dois grupos são protagonismo, escuta, criança, infância, espaços e conhecimento.



servir de referência para outras Redes de ensino”. 83% dos dois grupos acreditam que “sim”, 13% “tem dúvidas se isso vai acontecer”, e 4% disseram que “não”.

Compreende-se, a partir das formações vivenciadas pelos dois grupos, pelos estudos realizados nas escolas e pelo andamento da proposta, que a grande maioria dos representantes dos dois grupos acredita em uma construção de identidade enquanto Rede e que Panambi pode sim servir como referência nessa proposta. Dessa forma, destaca-se que os dois grupos se sentem pertencentes a essa construção de identidade enquanto escola e enquanto Rede de Educação Infantil. Um movimento que objetiva repensar a Educação da Infância, nasceu em Panambi há cinco anos, “um ato de coragem”, como destacou Joe Garcia (2021. p. 18) quando fala sobre o nascimento de novas pedagogias. Pode-se dizer que essa iniciativa vivida na cidade de Panambi, de tomada de outros rumos para a Educação da Infância, é um ato de coragem por parte dos professores e educadores que acreditam nela.

### Considerações finais

O primeiro ponto de reflexão é que uma proposta a ser desenvolvida sempre estará implicada na organização da sociedade local, como visto, os processos que acontecem em Reggio são uma organização da sociedade local, imbricados em sua cultura local. Nesse sentido, é necessário que se pense, primeiramente, que não há como fazer uma cópia de práticas, porque ela não terá os mesmos resultados, ou seja, a flor de chicória azul que é comum nas ruas e calçadas da Itália não terá o mesmo brilho nas terras e ruas da cidade de Panambi.

Estaria, então, a Educação Infantil do Município de Panambi constituindo uma identidade própria a partir da experiência que se tem buscado como inspiração? Foi isso o que esta pesquisa se propôs a compreender, tendo em vista que a proposta está completando cinco anos dos primeiros encaminhamentos, das formações e das manifestações de intenção por parte da Coordenação Pedagógica de Educação Infantil da Smec. Sobretudo, compreende-se que a caminhada existente na Educação Infantil do município de Panambi não pode se configurar uma cópia de práticas; dessa forma, não seria constante, mas estão se constituindo algumas ações que se configuram com uma construção identitária.

A partir dos dados obtidos, percebe-se que a maioria dos professores e gestores pesquisados possui mais de 16 anos de atuação na docência. Ou seja, já passou por diversas

propostas de novos fazeres pedagógicos instituídos pelas legislações, que vão se aprimorando em favor de uma educação que atinja a todos em questão de quantidade e principalmente de qualidade.

Compreendeu-se também, à luz da pesquisa, que existem várias infâncias e que sua concepção está diretamente ligada às culturas locais e às famílias. Em Panambi, dentre o grupo P e G, destaca-se que a concepção da infância é ser ativo, escolher, vivenciar e experimentar diferentes espaços que oportunizam a autonomia da criança. Por outro lado, a partir dos dados dos dois grupos, que externaram seus conceitos de criança e de infância, vemos que, para alguns, ainda há uma visão “romantizada” sobre o que é ser criança e viver a infância. Entendemos que a rede ainda precisa amadurecer melhor essa concepção. Quem são suas crianças? Que infâncias se quer proporcionar nas escolas de Educação Infantil de Panambi? Esse é um debate para toda a comunidade, pois somente assim se iniciará uma desconstrução do discurso e da visão romantizada da infância que ainda existe entre a sociedade. Ademais, uma mudança para que seja consistente precisa considerar a participação de toda a sociedade local.

No que tange à formação dos profissionais, destaca-se que todos têm tido acesso a elas para uma melhor compreensão dessas concepções, do que é ser criança em Reggio Emilia, do que é a infância. A partir disso, constitui-se um novo olhar para a criança na escola.

Ao final desses cinco anos de construção, identifica-se que há um movimento em que as escolas têm buscado repensar os espaços pedagógicos oferecidos às crianças, procurando escutá-las, o que se entende como passo primordial em todo esse processo — primeiro, é preciso ouvir as crianças. Esse entendimento também ficou claro quando solicitado aos gestores que, em cinco palavras, representassem a proposta que se está constituindo na cidade, e eles explicitaram com maior incidência o protagonismo e a escuta. Esses dois termos representam a força da construção da proposta e da identidade da Educação da Infância do de Panambi. Escutar e protagonizar uma relação direta com as crianças só depende de o adulto proporcionar as condições para que isso ocorra.

A partir dessas evidências, compreende-se que está se consolidando na Rede um “olhar” singular para as crianças e as infâncias, o que se constitui como um entendimento e olhar próprio dos profissionais que compõem a Rede. Quanto à constituição ou não de uma identidade, é possível constatar que há identidades em cada escola de Educação Infantil da Rede, reconhecidas em uma identidade maior representada pela Rede de Educação Infantil de Panambi/RS. Esta, de

certa forma, também é uma cidade com espírito de fazer e proporcionar uma Educação da Infância para, pelas e com as crianças, porque se propôs a fazer diferente.

Da mesma forma que a lagarta sofre sua metamorfose e vira uma borboleta, símbolo da cidade de Panambi, porque aqui sobrevoavam muitas borboletas. Ciampa (1987, p. 74) declara: “identidade é metamorfose”, porque também sofre transformações, a Rede de Educação Infantil de Panambi está em uma caminhada de transformação, ou seja, uma identidade em metamorfose.

### Referências

- ARROYO, M. G. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1., 1994, Brasília, DF. *Anais* [...]. Brasília, DF: MEC, 1994. p. 88-92.
- CIAMPA, A. da C. *A estória do Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- GARCIA, J. Viagem ao Coração da Educação Infantil. In: GARCIA, J.; PAGANO, A.; FILHO, G. de A. *J. Educação Infantil em Reggio Emilia: reflexões para compor um diálogo*. Curitiba: Editora UTP: Coopselios, 2017. p. x-y.
- GARCIA, J. *Um lugar chamado Reggio Emilia*. 1. ed. Curitiba: Istruzione, 2021.
- HABERMAS, J. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IBGE. *Cidades e estados: dados do município de Panambi*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/panambi.html>. Acesso em: 05 de jun. 2021.
- JACQUES, M. da G. C. Identidade. In: STRAY, M. N. *et al. Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 159-167.
- KUHLMANN JUNIOR, M. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LAURENTI, C.; BARROS, M. N. F. Identidade: questões conceituais e contextuais. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Londrina, v. 2, n. 1, jun. 2000. Disponível em: <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>. Acesso em: dez. 2021.

LIPPI, E. A.; NOGARO, A.; LUFT, H. M. *Acolhimento da criança de três a cinco anos na escola de Educação Infantil*. Curitiba: CRV, 2017.

MORAES, R. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/SJKF5m97DHykhL5pM5tXzdj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: dez. 2020.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132006000100009>

NOGARO, A.; NOGARO, I. *Primeira infância: espaço e tempo de educar na aurora da vida*. Erechim: Edifapes, 2012.

NOVOA, A. *Professores Imagem do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.

PANAMBI. Conselho Municipal de Educação. *Parecer CME (Conselho Municipal de Educação) 003/2017*. Diretrizes Curriculares Municipais para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Panambi. Panambi: CME, 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1J8s8616f\\_-fHZhNo7A0HcpqGoPwzmMw-/view](https://drive.google.com/file/d/1J8s8616f_-fHZhNo7A0HcpqGoPwzmMw-/view). Acesso em: 07 de junho 2021.

PANAMBI. Secretaria Municipal de Educação. *Referencial Curricular*. Panambi: Smec, 2019.

PELOSO, F. C. Infância e crianças: contribuições da teoria historicocultural de Vigotsky para compreender a criança como sujeito histórico e social. *In: EDUCERE*, 11., 2013, Curitiba. *Anais [...]*. Curitiba: PUCPR, 2013. p. 1-12.

PINTO, M. A infância como construção social. *In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. (org.). As Crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Criança/Universidade do Minho: Ed. Bezerra, 1997. p. 33-73.

RINALDI, C. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. *In: UNIVERSIDADE DO MINHO. As marcas dos tempos: a interculturalidade nas culturas da infância: Projeto POCTI/CED/2002*. Minho: Universidade do Minho, 2002. Disponível em: [projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf](http://projectos.iec.uminho.pt/promato/textos/ImaCultInfancia.pdf). Acesso em: nov. 2021.



---

SINAY, S. *A sociedade dos filhos órfãos: quando pais e mães abandonam suas responsabilidades*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2012.

SOUZA, M. M. Pereira de; SANTOS, A. Repensando a identidade nas organizações: por uma visão integrativa de práticas, discursos e racionalidades. *In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS DA ANPAD*, 6., 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: ANPAD, 2010. p. 1-17.

TEDESCO, J. C. *O novo pacto educativo: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna*. São Paulo: Ática, 1998.

VECCHI, V. *Arte e criatividade em Reggio Emilia: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância*. São Paulo: Phorte Editora, 2017.

Submetido: 06.04.2023.

Aprovado: 30.03.2024.